

# O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

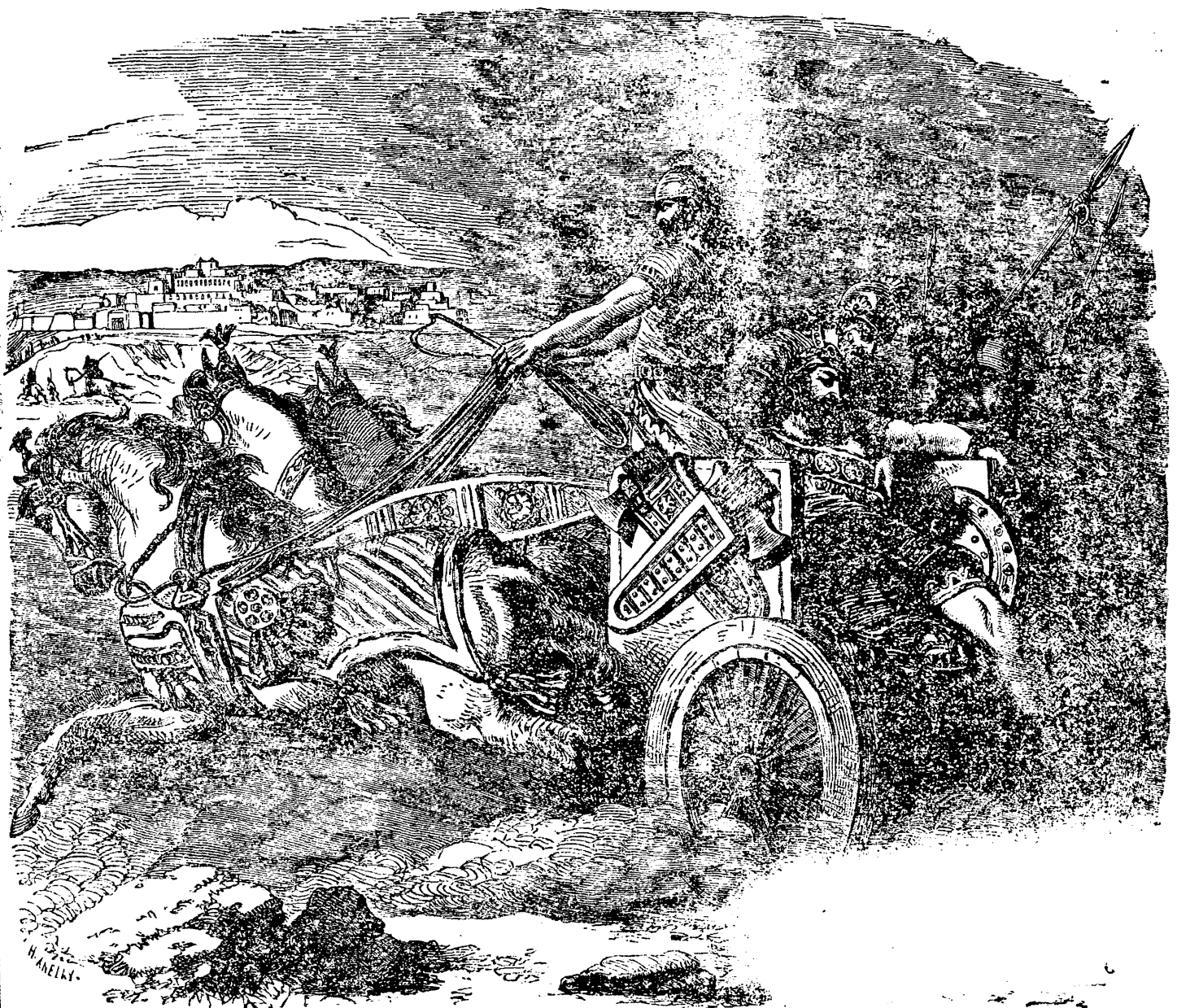
RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad braviu  
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

**SUMMARIO:** — *Approvação e Benção do Em.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal Bispo do Porto.* — *O Progresso Catholico, pela redacção.* — **SECÇÃO DOCTRINAL:** *A Milicia Christã (XXXVII) Leituras do christão, pelo rev.<sup>mo</sup> snr. dr. José Rodrigues Cosgaya.* — **SECÇÃO HISTORICA:** *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, pelo rev.<sup>mo</sup> snr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.* — **SECÇÃO CRITICA:** *Codigo moral, pelo ex.<sup>mo</sup> snr. Alves d'Almeida.* — **SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL:** *Faculdade dada aos Bispos de antecipar e de dispensar a lei do jejum e da abstinencia;* — *Dvidas sobre o decreto que permite aos Bispos antecipar ou dispensar da lei do jejum e da abstinencia;* — *Missa rotiva do S. Coração de Jesus nas primeiras sextas-feiras de cada mez.* — **SECÇÃO LITTERARIA:** *Sant'Antonio, pelo ex.<sup>mo</sup> snr. Alves d'Almeida;* — *Martim, pelo ex.<sup>mo</sup> snr. Alves d'Almeida;* — *Para que? (versão), pelo ex.<sup>mo</sup> snr. J. P. Mineiro.* — **SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, pela redacção.** — **SECÇÃO ILUSTRADA:** *Morte de Josias;* — *S. Simeão Stylita, pela redacção.* — **RETROSPECTO:** *pela redacção.*

**Gravuras:** *Morte de Josias;* — *S. Simeão Stylita.*



MORTE DE JOSIAS

## O PROGRESSO CATHOLICO



NTRA hoje em novo  
anno O PROGRESSO CA-  
THOLICO.

E' costume entre o  
jornalismo portuguez  
lançar, no anniversario do jornal,  
um olhar para o passado e fazer  
promessas para o futuro.

Não seguiremos a praxe.

O que lá vae, lá vae; o que virá,  
Deus o sabe.

Na situação economica em que  
O PROGRESSO CATHOLICO se encon-  
tra, a empreza não pôde fazer pro-  
messas. O numero d'assignantes  
chegaria e sobejaria para as des-  
pezas ordinarias, se as assignatu-  
ras fossem pagas integral e op-  
portunamente; como, porém, não  
são, impossivel nos é melhorar a  
nossa revista.

A falta de pagamento forçou-  
nos a riscar do numero de assi-  
gnantes, durante o anno, algumas  
centenas de nomes. Ter-nos-ia isto  
desalentado, e por certo levado a  
desistir d'esta empreza, se novos  
amigos não tivessem vindo, volun-  
tariamente, inscrever-se como as-  
signantes da nossa modesta re-  
vista.

Tal como está, somos os pri-  
meiros a reconhecer que O PRO-  
GRESSO CATHOLICO não pôde preen-  
cher a missão que se impoz. Mas  
sabemos tambem que algum bem  
faz, porque ha pessoas que, não  
tendo recursos para mais, apenas  
leem a nossa modesta revista.

Continuaremos, pois, na arena,  
emquanto Deus nos dê forças e  
os nossos assignantes nos forem  
fornecendo recursos para pagar  
aos typographos e ao fornecedor  
de papel. E, se no fim do anno  
não houver *deficit*, por satisfeitos  
nos damos.

Aos nossos amigos pedimos que,  
além de nos continuarem a dis-  
pensar o auxilio das suas assigna-  
turas, nos dispensem ainda o mais  
valioso das suas orações, para que

cumpramos a nossa missão de jor-  
nalistas com a coragem que é mis-  
ter n'estes tempos de lucta.

## SECÇÃO DOCTRINAL

## A Milicia Christã

XXXVII

LEITURAS DO CHRISTÃO

**T**ODOS os seres racionais lêem, nos  
principios, as suas legitimas con-  
sequencias: todos os que têm olhos de  
vêr lêem no livro da natureza o poder  
e a sabedoria de Deus: todos os que  
têm ouvidos d'ouvir, lêem no livro das  
tradições a fé e os costumes das gera-  
ções passadas: e nós os christãos de-  
vemos lêr n'esses tres livros christã-  
mente.

Se Deus nos deu uma alma racio-  
nal, é, sem duvida, para que racional-  
mente vivamos. Se nos deu altissimos  
dotes que nos tornam superiores ao  
mais grande e esplendente da natureza  
visivel, como racional e justo ha de exi-  
gir a nossa maxima gratidão.

Se Deus apparece na criação tão  
poderoso, Lhe não faltará poder bas-  
tante para confundir os soberbos que  
recusam a obediencia aos seus justissi-  
mos preceitos e se tão providente ap-  
parece em cousas minimas não aban-  
donou o homem ao caprichoso e, por  
vezes, contradictorio tumultuar das pai-  
xões.

Se os nossos paes, os primeiros  
christãos, até a vida deram em teste-  
munho da veracidade da doutrina, que  
professamos, porque nos negaremos nós  
a defendel-a, ainda que se nos siga d'is-  
so algum incommodo?

N'esses livros devem lêr, e n'esse  
tom, até os analphabetos, que o não  
querem ser na luminosa escola da hu-  
manidade. Os que porém frequentaram  
as aulas das letras humanas e estão  
habilitados para lerem nos livros dos  
homens, bom será que saibam escolher  
n'esse *mare magnum* da sciencia, da  
presumpção, da piedade ou da perversa  
malicia humana.

Ha muito combustivel: mas, como  
muitos d'elles são mal cheirosos e me-  
nos hygienicos, nem todos servem para  
o fogão, e menos ainda para as chami-  
nés das grandes salas no inverno.

Ha muito comestivel, como porém  
nem todos são gratos ao paladar, nem  
todos adequados á força digestiva do  
estomago humano, e mais ainda porque  
os ha venenosos, que, longe de nutri-  
rem, matam, não comamos mais que  
d'aquelles que suppomos nos farão bem.

Na botica ha multidão de medica-

mentos, o melico prudente dirá qual  
nos será conveniente tomar, e se o po-  
bre laponio fosse escolher, provavel-  
mente daria comsigo em Pantana.

Assim tambem ha muitos livros:  
mas nem todos se devem lêr, porque  
os ha que não ensinam a verdade, mas  
o erro, não nos abrem passo no cami-  
nho da sciencia; mas nos cavam na  
senda da vida abyssos de medonha  
escuridão, não nos guiam aos horizon-  
tes esplendorosos dos nossos destinos;  
mas extraviam-nos, e deixam-nos per-  
didos no fragor das selvas da soberba  
e da malicia humana; ou na aridez do  
deserto dos desesperos; ou entre as  
penedias das anciedades e das duvidas.

Que é um livro?

E' um bom amigo, ou um compa-  
nheiro innocente, ou, talvez, uma pes-  
tilente companhia. No primeiro caso es-  
timabilissimo, toleravel no segundo e  
no terceiro detestavel.

Todos estimamos o bom amigo e  
dævemos estimar pelo mesmo motivo o  
bom livro. Todos mais ou menos segundo  
a educação e os temperamentos nos  
agradamos com a companhia das crean-  
cinhas innocentes; todos tambem, mais  
ou menos segundo a pachorra de cada  
qual, nos devemos recrear com as lei-  
turas innocentes: mas todo o coração  
nobre detesta a companhia dos malvados  
ou perversos; porque os seus instinctos  
são maus e oppostos portanto aos que  
elle sente bons.

Nem vale dizer que é bom saber  
de tudo: porque os erros, por bem dis-  
postos que appareçam, nunca terão  
sciencia. Nem posso admitir que seja  
bom saber de tudo; porque a ninguem  
appetece experimentar dôr de colica,  
nem de dentes, nem ser mimoseado  
com tysicas ou aneurismas.

E se tal succede no corporeo e sen-  
sual, no anemico e espirital succederá  
o mesmo áquelles, que saibam estimar  
o principio animador e vivificante que  
nos especifica.

Que pae ou mãe se divirtam em  
leituras, que se envergonhariam de vêr  
nas mãos das suas filhas, não o en-  
tendo!

E que alguns filhos perante Deus  
e a sua consciencia leiam o que não  
leriam perante seus paes, por vergon-  
ha, causa espanto!

Nem me digam que buscam n'elles  
as galas da linguagem; porque o urso  
vestido de seda e coberto de brilhantes  
ainda assim fica feio.

Mas tambem não basta não lêr os  
livros maus e tratar só de ler os que  
são bons: porque estes são tantos que  
ninguem os pôde lêr todos. E' pois ne-  
cessario escolher entre elles os que a  
cada qual mais convenha.

Os livros de medicina, os da sã mo-  
ral são bons: mas não calham bem nas

mãos da donzella. Livros ha bons, que tratam da dança e das modas: mas na banca do magistrado calham mal.

O que é militar deverá lêr as taticas militares dos grandes guerreiros: e para os que militam na milicia christã, os livros dos grandes santos sejam a nossa leitura.

O cathecismo para todos, a vida de Jesus para muitos e as sublimidades mysticas para alguns. «Imitação de Christo — Combate Espiritual — Caminho da Perfeição — Noites Escuras — Introdução á vida devota — Guia de Peccadores — Cathecismo de Perseverança — Entretenimentos com o Coração de Jesus — Tudo por Jesus — Meditações — La Puente», — são todos tão bellos!

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado da pag. 259)

CCLXXII

#### P. Francisco Xavier Bettinelli

**E**STE Jesuita occupou um lugar eminente no campo da litteratura, em grande parte do seculo XVIII e principios do actual; a sua prolongada existencia deu-lhe tempo bastante para immortalisar o seu nome, porque viveu mais de 90 annos, e nunca cessou de estudar e escrever obras litterarias.

Francisco Xavier Bettinelli nasceu em Mantua (Italia) a 17 de julho de 1718. Fez seus estudos n'aquella cidade com os Jesuitas, em cuja Ordem entrou na idade de 18 annos. Em seguida, e ainda joven, dirigiu-se á cidade de Brescia, onde foi professor de bellas-lettras durante cinco annos. Deu-se aqui logo a conhecer por algumas poesias que compoz para os exercicios escolasticos.

Foi, porém, em Bolonha que elle affirmou vantajosamente a sua reputação de primoroso poeta. N'esta cidade applicou-se ao estudo da theologia e das sciencias ecclesiasticas, não descurando ao mesmo tempo a cultura do seu talento poetico.

O P. Bettinelli, cuja fama corria por toda a parte, começou a ser consultado pelos homens mais eruditos e distinctos do seu tempo, com os quaes teve grandes relações: todos procuravam a amizade d'este sabio Jesuita. Em Parma foi director do collegio dos nobres, bello estabelecimento que então possuia esta piedosa cidade italiana.

Bettinelli, passados alguns annos, viajou pela Allemanha e França e tam-

bem esteve em Venezia, incumbido de varios negocios pertencentes á Companhia de Jesus.

Percorrendo a Suissa, quiz vêr em Genebra o celebre philosopho Voltaire e visitou-o, porque n'esse tempo era o seu nome pronunciado em todo o mundo em pontos de litteratura.

O J.-suíta Bettinelli admirava o talento do impio Voltaire, e mais nada. Porque o nosso homem foi sempre um bom religioso, strenuo defensor da doutrina catholica e adversario indefeso da philosophia voltaireana.

Sendo extincta em 1773 a Companhia de Jesus, o P. Bettinelli recolheu-se a Mantua, sua patria, onde morreu piamente a 10 de setembro de 1808.

Deixou numerosas obras que formam vinte e quatro volumes, a maior parte das quaes versam sobre bellas artes. Distinguem-se pelo espirito e talento, e em geral o seu estylo é puro, elegante e d'uma rara precisão. São escriptas na lingua italiana, mas algumas se acham traduzidas em francez.

As suas poesias são muito estimadas, e pela sua elegancia, a imitar Virgilio, immortalisaram o nome do P. Bettinelli entre os poetas da Italia.

Tambem publicou algumas obras sobre assumptos de moral.

CCLXXIII

#### P. Carlos de Aquino

Aqui temos outro famoso Jesuita litterato, grande poeta, orador e historiadador, tambem italiano, e que teve uma longa existencia. E' o P. Carlos de Aquino, nascido em Napoles, em 1654, e fallecido em Roma, em 1740.

Durante 18 annos ensinou rhetorica em Roma com muito esplendor e successo. Foi socio da academia das sciencias e da dos Arcades.

O Jesuita Carlos de Aquino publicou muitas obras, que pela maior parte tratam de poesia, historia, architectura e linguistica. São todas muito estimadas pelo seu estylo e erudição, parecendo que vivia no seculo aureo da poesia latina. Merece especial menção o volume que elle intitidou *Anacreon recantatus*.

Esta obra poetica, em latim, contem odes eguaes em cadencia e rhythmo ás de Anacreonte, poeta lyrico da antiga Grecia, mas oppostas ás d'elle nos pensamentos e nas imagens. O que caracteriza ás odes do Jesuita é a pureza da moral.

E' sabido que as poesias de Anacreonte são cheias de lubricidade, se bem que compostas em bellissima forma. O P. Carlos de Aquino tomou-o por modelo no metro, apenas no metro, porque na ideia é uma obra moral.

E' tambem muito interessante o *Diccionario militar* que publicou este sa-

bio Jesuita. N'elle explica todos os termos militares antigos e modernos.

CCLXXIV

#### P. Francisco Ribera

E' um dos mais afamados commentadores dos livros santos, depois dos Alapides, Tirinos e Maltonados, todos da Companhia de Jesus. Nasceu o P. Francisco Ribera em Villacastin (Hespanha), em 1514, estudando as linguas e a theologia na universidade de Salamanca.

Era já sacerdote quando entrou na Companhia, sendo ainda vivo o seu fundador Santo Ignacio de Loyola, que então era Geral da Ordem. O P. Ribera foi um religioso consummado em sciencia e ainda mais em virtudes.

A Heroína do Carmelo, Santa Thezeza de Jesus, foi por algum tempo dirigida espiritualmente por este douto e virtuoso Jesuita, bem como por outros da mesma Ordem. Nas suas *cartas* confessa ella o bom espirito de todos os seus directores. Basta isto para elogio do Jesuita Ribera.

Falleceu este bom religioso em Salamanca, no anno de 1591, deixando varias obras sobre a Escripura Sagrada.

Tambem escreveu a *Vida de Santa Thezeza de Jesus*, de quem foi, como fica dito, director espiritual.

Advertirei ultimamente que não deve confundir-se este Jesuita com outro do mesmo cognome, seu contemporaneo, e que foi confessor de S. Carlos Borromeu, Cardeal Arcebispo de Milão. Chamava-se este João Baptista Ribera.

(Continua.)

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

## SECÇÃO CRITICA

### Codigo moral

**S**ENHORES! A depravação moral cresce dia a dia, hora a hora! Se não apparece um legislador moralista... adeus familia, adeus lar!

Mas porque se não ha de impedir, quanto possivel, essa maldicta tendencia para a devassidão canina, contra a qual David, mil annos antes de Christo, praguejava? Porque se não hão de promulgar leis rigorosas contra a torpeza que hoje ullula impune? Porquê?... Quando se paga *sumptuaria* e *renda de casus*, *transmissão* e *quejundas*, porque não hão de os governos lançar mão de contribuições puramente moraes?...

Quem ha ahi que, a não ser os sectarios do pedreiro Hyrão... que pro-

mettem arrazar tudo, não folgasse ao vêr os seguintes periodos transformados em lei da sua nação? Ninguem, porque todos teem filhos, irmãs, esposas e netas!

E' um pobre arbitrio que não desagrada a todos. Eil-o:

1.º Toda a rapariga, mulher solteira ou viuva, aparentemente honesta, se poderá queixar do seu cumplice, ao vêr-se prejudicada.

2.º E como estas coisas não admittem provas de vista, bastará justificar, pela voz publica, que tem sido bem comportada, e que só dava attenção áquelle a quem se refere.

3.º Quando a voz publica, ajuramentada, não prove o seu dicto, será a queixosa punida com 1 a 2 annos de cellulares, conforme as circumstancias, porque a verdade sempre transparece; e por isso nenhuma se deverá queixar injustamente, para que se venha a pagar quem dever.

4.º As menores de 12 annos não carecerão de prova publica: bastará queixarem-se, porque, d'esta sorte, tudo fugirá d'ellas, a não ser para bom fim.

5.º O prejudicador será obrigado a dotar a sua presa, segundo a idade, pela forma que abaixo se segue, ou condemnado ao tempo de prisão correspondente: mas esta pena só terá lugar quando o transgressor não tenha com que pagar.

6.º Quando a prejudicada seja orphã de mãe, será dotada com 25 % segundo a sua cathgoria; quando de pae, com mais 33,3 %; quando de pae e mãe, com mais 50 %, cujo augmento tambem será feito ao tempo de prisão; de maneira que, todo aquelle que abusar d'ella a ponto de a prejudicar publicamente, tendo ella pae e mãe, será obrigado a dotar-a:

7.º Até aos 8 annos d'idade, — visto que a torpeza é tanta! — com 600\$000 a 1:200\$000 reis, conforme a sua qualidade, ou condemnado a 15 annos de prisão nas cadeias cellulares.

8.º Dos 8 aos 12, com 500\$000 a 900\$000 reis, ou punido com 12 annos de cellulares.

9.º Dos 12 aos 15, com 400\$000 a 750\$000 reis, ou condemnado a 8 annos de cellulares.

10.º Dos 15 aos 18, com 300\$000 a 600\$000 reis, ou punido com 5 annos de cellulares.

11.º Dos 18 aos 21, com 250\$000 a 500\$000 reis, ou condemnado com 3 annos de cellulares.

12.º Dos 21 aos 24, com 150\$000 a 200\$000 reis, ou condemnado com 2 annos de cellulares.

13.º Dos 24 aos 30, com 100\$000 a 200\$000 reis, ou condemnado a 18 mezes de cellulares.

14.º Dos 30 a 36, com 50\$000 a 100\$000 reis, ou condemnado a 1 anno de cellulares.

15.º Dos 36 aos 46, com 25\$000 a 50\$000 reis, ou condemnado a 6 mezes de cellulares.

16.º Dos 46 aos 56, com 15\$000 a 30\$000 reis, ou condemnado a 4 mezes de cellulares.

17.º Todo aquelle que prejudicar uma irmã, de qualquer idade, será punido com o maximo da pena imposta ao que abusar d'uma creança até aos 8 annos, sendo orphã de pae ou mãe. (6 e 7.)

18.º Todo o que prejudicar filha ou neta, — já que para tudo ha selvagens! — será punido pelo numero antecedente (17), sendo além d'isso condemnado a apregoar o seu crime pelas ruas da cidade, villa ou aldeia, em que ao tempo habitar, em seguida ao julgamento.

19.º Todo aquelle que prejudicar uma exposta, será punido, segundo a idade da preza, com o maximo da pena de que trata o n.º 6.º, visto ella não ter pae nem mãe.

20.º Todo aquelle que zombar d'uma mulher viuva, solteira ou casada, contra sua vontade, será julgado pelos n.ºs 6 e 7.

21.º Todo aquelle que abusar de tia ou sobrinha, será condemnado: No primeiro caso, pelo n.º 9.º; no segundo, pelo n.º 17.º; mas conforme a idade da sua presa, com o pagamento de 20 % n'este ultimo caso.

22.º Todo o que abusar d'uma prima, será punido segundo a idade da prejudicada, sendo-lhe aggravada a pena com mais 10 %.

23.º Todo aquelle que abusar de mulher já prejudicada, apenas será obrigado a lhe pagar, por espaço de 2 annos, o que na localidade fór costume dar-se a uma ama de leite, ou condemnado a 4 mezes de prisão menor.

24.º Todo o que, com escandalo publico, viver amancebado, quer casado, quer innupto, será collectado como *celibatario*, (n.º 26); mas, sendo solteiro, com mais 50 %, e casado, com o duplo.

25.º Quanto aos nuptos, pertencem um ao outro; mas, ainda assim, quando a mulher accuse o marido, será este punido, segundo a idade da sua presa, como se fóra solteiro, se ella estiver nos casos do n.º 1.º; não o estando, apenas será pelo n.º 23.º; porém, se a mulher for a accusada, será punida, conforme a gravidade do escandalo, com 1 a 2 annos de prisão menor, devendo o seu cumplice ser condemnado pelo supradicto n.º 23.º, mas com o augmento de 25 %.

26.º Toda a mulher poderá casar quando quizer, para melhor se poder livrar das fragilidades do celibato; mas

nenhum homem, a não sei bastante-mente instructo, para assim poder ter o preciso conhecimento do que vae fazer, a poderá desposar antes dos 22 annos d'idade; porém, todo aquelle que até aos 35 annos não casar, tendo o necessario para a vida, como os seus visinhos casados, será collectado como *celibatario*, na quantia de 12\$000 a 1:200\$000 reis, conforme os seus haveres, cuja quantia entrará no cofre municipal da localidade, para dotar as raparigas honestas da sua freguezia, que não tenham casado por sua pobreza.

27.º Toda a pessoa que, por palavras, gestos ou acções, em sua casa ou fóra d'ella, offender a moral publica, ou que, por qualquer modo, fizer má visinhança, será punida, segundo a gravidade da offensa, com 1 a 2 annos de cellulares, ou com multa de 100\$000 a 200\$000 reis, para o cofre do municipio local.

28.º Sendo *mulher publica ou homem bordeleiro de profissão*, — já que a lei tal nojo ordena! — será, além d'isso, condemnado ou condemnada a não mais poder habitar na cidade, villa ou aldeia, aonde o escandalo tiver sido praticado.

.....  
E ponto. Eis aqui, senhores, os primeiros traços d'uma lei talvez sensata; porque o paiz aonde ella campeasse intrepida, seria, dentro em poucos annos, um paiz moral e honesto, ao menos aparentemente; porque, perante uma lei d'estas, ninguem ousaria abusar da fraqueza d'uma pobre mulher... com promessas de casamento, *y otras cosas más*, como é costume, a ponto de a prejudicar publicamente, para depois a deixar na miseria... com um filho nos braços, sem um pedaço de pão para comer, nem uma saia para vestir! E é isto o que hoje mais se vê!

Tudo são filhos sem pao,  
Tudo esposas sem marido,  
Tudo vé tudo perdido,  
Mas ninguem contra o mal vae!

Paes de familia, attentae bem n'isto, porque todos vós tendes filhas, esposas, irmãs e netas! Pensae madura e desapassionadamente sobre o caso, senhores, e vereis que a falta d'uma lei severa contra os Aretinos e Zambris d'agora, se está fazendo sentir talvez mais do que nunca!

Oxalá que os legisladores d'amanhã não maldigam n'os d'hoje... por a não terem promulgado hontem!

Não surja essa lei, e vereis que, dentro em pouco, campeará o desbragado paganismo de ha 2 mil annos, perante o qual não haverá paes nem filhos, esposas nem irmãos! Será tudo um rebanho de gado caprino em agosto, e

tudo se confundirá sem leis, sem Deus, sem nada!

Praza ao ceu que, quem d'aqui a 50 annos vir este pobre escripto, se elle lá chegar, lhe chame hyperbolico; mas se apertadas leis não vierem pôr cobro a tanta perversão, temos a certeza de que ninguem lh'o chamará, porque o homem quer o peor, e o melhor é Deus!

Loucura sobre loucura, e sempre loucura!

O homem vive um dia, uma hora, e o Deus que, ou elle queira ou não queira, o ha de julgar, é e será sempre!

Deus, sempre, nunca! Eis aqui, senhores, as maiores tres palavras d'este mundo!

ALVES D'ALMEIDA.

## SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

### Actos da Santa Sé

#### Faculdade dada aos Bispos de antecipar e de dispensar a lei do jejum e da abstinencia

**O** SUMMO Pontifice Leão XIII, por intermedio da Sagrada Congregação do Santo Officio, no Decreto *Cum recen-ter*, de 15 de dezembro de 1894, «concede perpetuamente e attribue aos Ordinarios de todo o mundo catholico a faculdade de anticiparem para o dia que entenderem, ou mesmo, havendo causas gravissimas, a faculdade de dispensarem a lei de jejum e da abstinencia quando a Festa do Patrono Principal ou de Titular, ou outra festa solemne que tambem se haja de celebrar com grande concurso de povo, cahir nas sextas-feiras ou nos sabbados durante o anno, excepto no tempo da Quaresma, nos dias das quatro temporas, e nas vigalias com jejum; outrosim para que possam usar do mesmo poder de antecipar ou tambem, por causas gravissimas, de dispensar nos dias em que se realizem feiras extraordinarias tambem com grande concurso de povo. Quer porém Sua Santidade que os Ordinarios façam em cada um caso menção da dispensa apostolica.»

Jos. Mancini, Notario da S. C.

(Acta S. Sedis, vol. 27.º pag. 512).

Tendo sido propostas varias duvidas acerca d'este Decreto, a S. C. do S. Officio resolveu-as a 18 de março de 1896. São as seguintes:

\* \* \*

**Duvidas sobre o decreto que permite aos Bispos antecipar ou dispensar da lei do jejum e da abstinencia**

Após o Decreto emanado da Sagrada Congregação do S. O. a 5 de

dezembro de 1894 pelo qual se dá aos Ordinarios a faculdade de antecipar para outro dia, ou até, havendo causas gravissimas, dispensar da lei do jejum e da abstinencia, por occasião de solemnidades, que occorrerem n'algun dia prohibido, foram apresentadas de varias partes as seguintes duvidas acerca do genuino sentido do referido Decreto:

I—Para que o Bispo possa dispensar, segundo o Decreto, será necessario que a festa se celebre com grande concurso de povo?

II—Poderá o Bispo dispensar tão sómente nos dias santos de guarda — ou tambem em outras festas ou outras solemnidades catholicas, como, por exemplo, centenarios, peregrinações e semelhantes?

III—Como se deve intender o «grande concurso do povo» — do povo de fóra ou tambem do da mesma cidade ou lugar?

IV—Entre as causas gravissimas, pelas quaes o Bispo pode não só antecipar, mas tambem dispensar, poderá ser enumerado o grave perigo de se não observar a abstinencia a não ser que se antecipe?

V—Nos dias exceptuados, consagrados ao jejum, será prohibido aos Bispos sómente dispensar da abstinencia, ou tambem antecipal-a?

VI—Havendo causa racional poderá o Bispo conceder aos parochos que elles proprios designem o dia, no qual se deva antecipar a abstinencia?

Os Em.<sup>mos</sup> Cardeaes Inquisidores Geraes, em Sessão Geral de 18 de Março de 1896, tendo examinado detidamente estas duvidas, ouvido o voto dos Rev.<sup>mos</sup> Consultores, mandaram responder:

Ad I—*Affirmative*.

Ad II—*Negative*, quanto á primeira parte; *affirmative*, quanto á segunda; comtanto que haja grande concurso de povo.

Ad III—Por concessão do Santo Padre, attentas todas as circumstancias, pode intender-se tambem do concurso da cidade ou do lugar.

Ad IV—*Affirmative*, comtanto que o perigo seja geral.

Ad V—*Affirmative*, — isto é, é prohibido em ambos os casos aos Bispos.

Ad VI—*Affirmative*.

A 20 do mesmo mez, o nosso SS. Papa Leão XIII, na costumada audiencia concedida ao Rev.<sup>mo</sup> Accessor, dignou-se approvar e confirmar benignamente estas resoluções dos Em.<sup>mos</sup> Cardeaes.

(Acta S. Sedis, vol. 28, p. 572).

\* \* \*

**Missa Votiva do S. Coração de Jesus nas primeiras sextas-feiras de cada mez**

A Sagrada Congregação dos Ritos

por Decreto de 28 de junho de 1889, pelo qual elevára a Festa do SS. Coração de Jesus ao rito *duplex* de primeira classe, declarou que: «O Santissimo Padre, nas egrejas e oratorios, onde se fizessem pela manhã, com approvação do Ordinario, especiaes exercicios de piedade em honra do divino Coração na primeira sexta-feira de cada mez, concedeu que a estes exercicios se possa acrescentar a Missa votiva do Sagrado Coração de Jesus; comtanto que n'esse dia não occorra alguma festa de Nosso Senhor, ou *duplex* de primeira classe, ou alguma Feria, Vigilia ou Oitava das privilegiadas, observando-se no restante as rubricas». (Acta S. Sedis, vol. 21, pag. 694).

Tendo, porém, sido interrogada a mesma Sagrada Congregação: Se a Missa votiva do SS. Coração de Jesus, concedida nas condições do Decreto acima referido, devia ser celebrada sem *Gloria*, sem *Credo* e com tres Orações, ou com o rito com que se celebram as Missas votivas solemnes com *Gloria* e *Credo* e com uma só Oração, houve por bem responder e ordenar, a 20 de maio de 1890:

*Negative*—á primeira parte.

*Affirmative*—á segunda.

(Acta S. Sedis, vol. 22, pag. 738.)

## SECÇÃO LITTERARIA

### SANT'ANTONIO

UM HEREJE

Contra a Hostia onde está Deus,

C'y. blasphemas trev ja...

Que promette ser dos santos

Quando a Christo n'ella veja.

—Homem do bruto contraste,

Lhe diz o chelo de zelo:

'Scolhe um portento que basto

Que eu te prometto fazel-o.

Sim, lhe torna o fomentido

N'um sarcasmo impertinente;

E com isso convertido

Me vereis perpetuamente:

Se a minha mula, esfaimada,

Não comer nem grão, nem palha

Ante a Hostia consagrada,

E' tua, frade, a batalhal...

Ajusta-so então o dia,

E n'uma publica praça

Se dá combate á her'sia

De herotica populaça.

Eil-o heroge d'um lado

Com a mula que mal anda;

Do outro, o santo exalçado

Com a sagrada Vianda.



—Ha quasi tres dias, frade,  
Diz Cayo, que jz á fome;  
Mas é de crér que lhe agrade  
Mais isso que o grão que come.

—Não blasphemes, miserando,  
Lhe torna o bom pregador,  
Que eu em nome de Dous mando,  
E fundo o blasphemador...

Animal: Por Deus te ordono  
Que adores o Creador  
D'esse grão e d'osse feno,  
Como a seu unico Auctor.

Disse, co'a Hostia na mão,  
E o famelico animal  
De joelhos cae no chão  
Como um ente racional:

E em face do Deus eterno,  
Doixa a palha, doixa o grão,  
E perante o Sempiterno  
Se fica em adoração...

E ao vél-o, o impio auditorio,  
Altamente confundido  
Ante o caso peremptorio.  
Em grita diz convertido:

«Gloria ao Deus de Froi Antonio,  
«Que nos quiz ver convencidos!  
«Gloria ao pregador fidoaco,  
«Que converte os mais descridos!

ALVES D'ALMEIDA.

## MARTIM

Já proximo do supplicio,  
Caminhando ao cadafalso  
Apagar o cru flagicio  
De Evaristo duro e falso.

Um defensor de energia  
Lhe apparece de repente,  
O qual diz á companhia  
Que o pobre morre innocente.

—Parem lá, game Evaristo,  
Sempre o ouvir foi prudencia:  
Se este frade tão provisto  
Lhe provar a innocencia,

Será solto sem detença  
Esse infeliz desgraçado,  
E derogada a sentença,  
Porque fôra condemnado.

— Agora eu, diz Antonio:  
Em nome do Deus eterno,  
Que faz tremer o demonio  
E abalar todo o inferno,

De sob a terra que piso  
Aonde estás sepultado,  
Surge, Francisco: conciso  
Diz' se Martim te ha matado.

—«Aquelle que me matou,  
«Diz o morto ao seraphim,  
«Ahi vae: mas apontou  
«Para longe de Martim.»

Não disse quem o matara,  
Porque ao céo obedecera,  
Mas alguém adivinhara,  
Porque Evaristo tremera.

E á vista d'um tal portento  
Tudo é assombro e tumulto,  
Porque é obra d'um momento  
A apparção do sepulto ..

E Martim em liberdade  
Posto foi sem mais detença;  
E em abono da verdade,  
Rasgada a sua sentença.

Estava Antonio prégando  
Na Italia ao paduano,  
Mas sempre a hora aguardando  
Do martyrio lisboano...

Eis que vé o que espreitava,  
E co'o pensamento corre ..  
Emquanto o povo resava,  
A salvar seu pae que morre.

ALVES D'ALMEIDA.

## Para que?

(VERSÃO)

... qua pulvis est...

QUANTOS esforços custou a Luiz  
triumphar na batalha da vida!  
romper as cadeias da pobreza a que  
nascera sujeito, e conquistar um lugar  
independente na sociedade!

Quando conseguiu isto, que n'algum  
tempo lhe parecia o limite das suas aspi-  
rações, sentiu-se desgostoso com a pe-  
quenez do resultado; julgou que o ho-  
mem que não logra ser algum tanto  
visível entre os demais, chamar a at-  
tenção dos seus contemporaneos e ainda  
da posteridade sobre si mesmo, não me-  
rece ser considerado como homem de  
verdadeiro esforço.

Então, resolveu consagrar-se á arte,  
sobresair n'um dos seus ramos e dei-  
xar assente em tão firme base a sua  
gloria. Vencendo os obstaculos que se  
opponham a tão difficil empreza, com  
trabalhos e afan verdadeiramente he-  
roicos, secundados sem duvida pelo seu  
espirito elevado, dominando successiva-  
mente a ideia e a forma, mais rebelde  
esta do que aquella, chegou a produ-  
zir obras de merito indubitavel e reco-  
nhecido pela critica, que o collocaram  
n'um lugar preferente não só entre os  
artistas seus concidadãos, senão tambem  
entre os estrangeiros, assegurando-lhe  
a realisação do seu dourado sonho, de  
não ser olvidado pela posteridade.

Todavia, ainda não foi sufficiente  
para elle este extraordinario triumpho.  
Pensou que, conquanto os contempo-  
raneos admirem e os futuros applaudam  
as nossas obras, nada ou mui pouco de  
positivo, tangivel e pessoal beneficio se  
nos segue, porque os applausos são  
ruído, e a posteridade está demasiado  
separada de nós outros. Era necessario  
colher fructo mais real, aproveitavel e  
imediate e não acreditou que este  
podesse ser outro (pois o dinheiro que  
possuia lhe inspirava desprezo) mais do  
que a dominação effectiva, o poder so-  
bre os outros homenz, mediante a acqui-  
sição de um alto posto na gerarchia so-  
cial.

Dedicou-se á politica. Vencendo *ba-  
talhas* encarniçadas e duras; brigando  
com a inveja, com a vaidade e com  
alheias ambições, resistindo aos emba-  
tes da traição, da deslealdade, da ca-  
lumnia e de todo o genero de engan-  
os, arrostando umas vezes com a impopu-  
laridade, e outras com os mais serios  
perigos, logrou impor-se e dominar na  
politica, tendo nas suas mãos, com as  
rendas do estado, os destinos da sua  
nação.

Após isto, achando-se velho e come-  
çando a debilitar-se, não encontrando  
na vida coisa alguma que não houvesse  
conseguido, mas costumado a olhar  
sempre *mais além*, occorreu-lhe prepa-  
rar-se para a morte, mandando edifi-  
car o *palacio* que tinha de habitar  
depois do passo fatal que o separaria  
para sempre da existencia terrestre.

Resolveu fazer levantar um mausoleu,  
obra sumptuosa e admiravel que, a par  
dos seus feitos, servisse para tornar  
o seu nome eterno, ou pouco menos,  
sobre a terra.

Vieram os marmores mais puros; as  
minas deram os seus bronzes, a sua  
prata e ainda o seu ouro; os homens a  
sua intelligencia e o seu trabalho; re-  
sultando d'este enorme concurso uma  
obra assombrosa pela sua magnificen-  
cia e formosura.

Terminada, quiz visitar a mansão  
que tanto tempo tinha de guardal-o.  
Pegou nas chaves com que outras mãos  
o encerrariam depois do seu passamento,  
e chegou ao fundo do rico pantheon.  
Alli, debaixo da lavrada mole de pedra  
e metal, ante o reduzido espaço de gra-  
nito, escuro e frio, que para sempre  
havia de occultal-o, percorrendo com o  
pensamento a sua vida, os seus feitos,  
os seus empenhos e esforços, as suas  
illusões e triumphos, inclinou pela pri-  
meira vez a fronte ante o insondavel  
porvir, e disse lentamente, como se  
aquellas palavras contivessem o resumo  
de toda a sua existencia:

—Para que?

Tortozendo.

J. P. MINEIRO.



S. SIMEÃO STYLITA

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

**A** Cartilha da Bulla da Santa Cruzada para uso das creanças, livro autorisado e recommendado pelo Em.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto, e composto pelo rev.<sup>to</sup> snr. Padre Manuel José de Souza, digno abade de Nespereira e vigario da vara do 3.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup> districtos de Penafiel, com que o seu benemerito editor e nosso amigo, snr. Antonio Dourado, acaba de brindar-nos, é um precioso livrinho.

O que a *Cartilha* vale, dil-o o rev.<sup>to</sup> snr. dr. Conego Manuel José Gonçalves Correia e Sá, encarregado de revêr o manuscrito pelo Em.<sup>mo</sup> Prelado e de dar parecer sobre elle. O rev.<sup>to</sup> revisor diz que a *Cartilha* não só lhe parece conter apenas doutrina verdadeira e segura, mas considera a sua publicação muito util,—tanto para auxiliar os reverendos Parochos na explicação da Bulla em suas praticas e cathequeses, a que é destinado,—como

para facilitar ao rev.<sup>to</sup> Clero e aos fieis o estudo da mesma Bulla, cujos diplomas são opportunamente transcriptos, removendo, por isso, aos estudiosos a difficuldade em os consultar e fornecendo incentivo para mais completos estudos.

Dito isto, nada mais é preciso para recommendar o livrinho, que, no nosso humilde parecer, está destinado a fazer com que os rendimentos da Bulla sejam mais avultados, porque quanto mais e melhor se conhecerem as graças e privilegios da Bulla, mais fieis correrão a aproveitar-se d'elles.

O livrinho custa 200 reis. Ao seu editor agradecemos a offerta, e ao illustrado auctor os nossos parabens e agradecimentos por ter gasto os poucos momentos d'ocio, que lhe deixam os seus espinhosos trabalhos, na elaboração d'um livro tão necessario e tão precioso.

—*Almanach Portuguez, religioso, historico, politico e civil para 1897, unico no seu genero em todo o reino de Por-*

*tugal e indispensavel em todas as familias por conter diariamente as obrigações religiosas e civis*, é um outro livrinho que o snr. Antonio Dourado acaba de publicar.

Contém este armanach dia a dia, um resumo biographico do santo que a Igreja solemnisa, com indicação do anno do nascimento e do fallecimento; os dias de festa e os dias santos abolidos, em que ha obrigação de ouvir missa; os dias em que ha jubileus e indulgencias; todas as festividades no Porto, e principaes cidades do reino; todas as romarias, procissões e arraiaes; os sermões quadragesimaes, e as egrejas em que elles são prégados; todos os fastos historicos com relação á Igreja, e as datas das eleições de todos os Summos Pontífices, lausperennes, dias duplex, etc.

Os dias de grande gala, os dias simplesmente feriados, e os de lucto nacional; dias em que não são permitidos espectaculos; eclipses e phases da lua e do sol, rigorosamente exactos;

dias em que ha feiras francas em todo o reino, indicando a sua especialidade, factos historicos, com relação ao reino de Portugal; dias em que se pagam as decimas prediaes, industriaes e pessoaes, prazos para reclamações; dias de inspecções de recrutamento, de affixações de listas, etc.; tempo defeso para caça, dias destinados á apresentação de requerimentos, assignatura de matriculas, abertura das aulas, etc., etc.; n'uma palavra tudo quanto *qualquer pessoa* póde necessitar saber para cumprir os deveres *religiosos e civis*.

\*

Acabamos de receber da livraria Mesquita Pimentel o 1.<sup>o</sup> volume do seu *Boletim bibliographico*, sobre o titulo de «Noticiario de Publicações», o qual annuncia magnificos livros, tanto nacionaes como estrangeiros. E' gratis, sendo enviado immediatamente a quem o requisitar.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### Morte de Josias

(Vid. pag. 3)

**J**EREMIAS fazia retumbar aos ouvidos dos seus concidadãos as suas censuras e lamentações. Avistava no horisonte a terrivel tempestade que ia devastar a sua patria e repetia continuamente estas palavras de Jehovah: «Vou repellir Judá de diante da minha face, assim como repelli Israel, e abandonarei Jerusalem, cidade escolhida por mim, casa da qual eu disse: «Alli é que o meu nome ha de estar presente e heide manifestar a minha gloria e poder.»

Os philosophos e os incredulos taxavam d'exagerados taes receios, quando os não acoinavam de loucura. Gozava-se no tempo de Josias d'uma completa paz, e nada fazia prevêr esses males de que fallava o propheta.

No entretanto Ninive tinha caído sob os esforços dos Babylonios e Médos collegados. Nechao, rei do Egypto, preocupado com o poder do rei de Babilonia, julgou ser mais conveniente ir atacal-o ao seu paiz do que esperal-o nos seus proprios estados. Este principe, que tinha grandes armadas no mar Roxo e no Mediterraneo, pôz em pé de guerra um numeroso exercito, e calculou talvez poder reunir o planalto central da Asia aos seus dominios africanos.

Comtudo não podia entrar na Assyria sem passar pela Judéa. Josias resolveu oppôr-se á sua passagem e marchou contra elle sem consultar o Se-

nhor. Nechao ficou espantado de tal designio; porque não tencionava demodo nenhum tratar o reino de Judá como paiz inimigo. «Que questão tens tu commigo? mandou elle dizer a Josias. Não é contra ti que eu entrei em campanha; vou guerrear outra casa contra a qual Deus me ordenou que marchasse sem demora. Não te opponhas pois aos planos do Senhor que está commigo, para que não succeda elle fazer-te perecer.»

Josias pensou que este adorador d'idolos allegava o nome de Deus para encobrir os seus ambiciosos projectos e continuou a marchar contra elle. Deulhe batalha na planicie de Mageddo que se achava na tribu de Manassés.

Durante a peleja foi ferido por uma frecha, e disse aos seus officiaes: «Levae-me d'aqui para fóra, porque me sinto gravemente ferido.»

Passaram-n'o do seu carro para outro que o seguia conforme o uso dos reis, e conduziram-no a Jerusalem. Morreu da ferida; Jerusalem e Judá o prantearam e a sua memoria, segundo a expressão da Escriptura, perpetuou-se doce e suave como o perfume mais delicado, e o seu elogio saiu de todas as boccas como uma musica deliciosa n'um banquete divino. O luto que seguiu á sua morte foi tal que aquelle acontecimento passou em proverbio, e para pintar a maxima dôr que se podia sentir, dizia-se que era como o luto d'Adadremmon na planicie de Mageddo.

Mas ninguem sentiu mais vivamente do que Jeremias a perda que a nação acabava de soffrer. Sobre este assumpto compôz umas lamentações que por muito tempo foram cantadas pelos musicos e musicas d'Israel, lamentações que não chegaram aos nossos dias.

\*  
\* \* \*

### S. Simeão Stylita

(Vid. pag. 9)

S. Simeão, chamado *Stylita*, em razão de ter passado a maior parte da vida sobre uma alta columna (*stylos*, em grego) nasceu em Sysan, confins da Cilicia e da Syria, pelos annos de 392. Seu pae era pastor, e Simeão passou os primeiros tempos da sua idade guardando ovelhas.

Achando-se um domingo na igreja, quando tinha apenas treze annos, ouviu ler aquellas palavras do Evangelho: *Bemaventurados os que choram*; e perguntando a um bom velho o significado que ellas implicavam, este o instruiu sobre a felicidade que gozam aquelles que se entregam a uma vida retirada e penitente, tendo sem cessar diante dos olhos a Jesus Christo crucificado.

O menino Simeão sentiu-se logo tão ansioso de seguir aquelle divino modelo, que immediatamente partiu a esconder-se no deserto mais proximo, onde passou sete dias inteiros sem comer nem beber, chorando e orando de dia e de noite, prostrado por terra. Depois d'este primeiro ensaio, foi lançar-se aos pés d'um grande servo de Deus chamado Heliodoro, abbade d'um mosteiro visinho, que, movido de suas lagrimas e compenetrado da sua resolução, o recebeu entre os monges.

Logo que Simeão se viu entre aquelles excellentes religiosos, a todos excedeu em jejuns, vigílias e todo o genero de austeridades, repartindo com os pobres o pouco pão e legumes, que lhe davam, chegando muitas vezes a passar d'um domingo ao outro, sem comer cousa alguma.

Tres annos esteve o Santo no mosteiro; porém não podendo soffrer a distincção e o respeito com que o tratavam, obteve finalmente licença para se retirar a outra soledade mais occulta. Aqui esteve tres annos como que sepultado em uma choça arruinada, ao pé do monte Telanissa, exposto a todos os rigores dos temporaes.

Foi aqui tambem que, desejoso de imitar mais perfeitamente o jejum do Salvador do mundo, passou uma quaresma inteira sem provar coisa alguma. Chegado o dia de Paschoa, veiu um sacerdote vel-o; e achando-o quasi a expirar, lhe ministrou a Sagrada Communhão, com cujo divino alimento para logo o solitario recuperou todas as suas forças. Cheio então de confiança no Senhor, que operára esta maravilha, resolveu passar d'alli em diante todas as quaresmas com a mesma prodigiosa abstinencia.

Theodoro assegura que Simeão já tinha passado assim vinte e oito, até á occasião em que elle estava escrevendo este facto.

Assombrosas como eram estas austeridades, o nosso Santo considerava-as mui leves sempre que punha os olhos em Jesus crucificado. Retirando-se para o viso d'uma alta montanha, ali fez um breve circulo que murou de canto e barro, e alli permaneceu por muito tempo, sem tecto e sem abrigo, exposto a todas as inclemencias das estações. Para se prohibir inteiramente a liberdade de transpor aquelles estreitos limites, prendeu aos pés uma cadeia de ferro com o comprimento correspondente. Uma tal singularidade foi desaprovada pelo santo homem Melecio, que tendo-o vindo visitar lhe deu a entender, que não aquella cadeia de ferro, mas sim o liame interior do amor de Jesus Christo é que devia retel-o na soledade. Foi o bastante para que Simeão immediatamente a limasse; porque a verda-



deira virtude não se afferra ao seu proprio sentir.

O desejo de fugir d'esta multidão, que interrompia as suas orações, foi o principal motivo que o levou á estranha resolução de se isolar sobre uma columna.

Veranio, rei da Persia, e a rainha sua mulher, deram publico testemunho do muito que o veneravam: os principes arabes tinham por elle um grande respeito; e os imperadores christãos valiam-se da sua intercessão perante o céo nas necessidades publicas do Estado e da Igreja. Todas estas honras não alteraram em nada a sua humildade. E' certo que Deus teve sempre o cuidado de o manter n'ella por meio de fortes provas, permitindo que Simeão fosse quasi continuamente exercitado com violentas tentações, para o conservar humilde e vigilante sobre si mesmo.

Assegura Theodoro que a divina Eucharistia, que elle recebia de oito em oito dias, era quasi o seu unico alimento; que passava as quaresmas sem tomar mais nada, e quasi todo o anno sem comer nem beber.

Emfim sentiu que se approximava o termo da sua peregrinação terrena este grande Santo, celebre por tantos milagres, dotado com o dom de propheta, cumulado de merecimentos, e consumido por um martyrio tão largo de penitencia. Redobrando então de fervor, inclinou-se para fazer oração, como costumava; e n'esta postura entregou a alma ao Creador no anno de 462, tendo 69 de idade, 47 dos quaes viveu sobre diferentes columnas.

Logo que se espalhou a noticia da sua morte, o patriarcha de Antiochia, acompanhado de seis Bispos, dos officias do imperador e d'infinito concurso de gente, dirigiram-se para o logar onde Simeão tinha fallecido. Chegados alli, desceram os Bispos o santo corpo, e foram collocar-o ao pé do altar que se erguia em frente da columna, e onde se costumava celebrar missa durante a vida do grande Santo.

Quando com grande pompa e como em triumpho o trasladaram para Antiochia, foi mister que seis mil soldados dos exercitos do imperador escultassem este precioso thesoiro. Durante o trajecto operou um grande numero de milagres.

Quiz o imperador Leão que as santas reliquias fossem reconduzidas para Constantinopla, porém afinal desistiu do seu empenho, rendendo-se ás instantes supplicas dos habitantes de Antiochia. Edificaram aqui uma igreja magnifica em honra de S. Simeão, onde continuou fazendo muitos milagres, com os quaes recresceu e se afervorou a devoção dos povos. O Martyrologio

Romano faz menção d'este grande Santo no dia 5 de janeiro.

## RETROSPECTO

### Monsenhor Ajuti

Já chegou a Lisboa Monsenhor Ajuti, novo Nuncio de Sua Santidade em Portugal.

Damos as boas vindas a S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>

Monsenhor Ajuti nasceu em 1849. E' descendente d'uma illustre familia de Genova.

Abraçando a vida ecclesiastica e depois de laureado na faculdade de philosophia, theologia e direito, foi addido á Congregação do Concilio, passando em seguida a secretario da Nunciatura no Brazil, e pouco depois a encarregado de negocios n'aquelle paiz, onde estudou a lingua portugueza, que S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> falla muito correctamente.

Em 1879 foi como secretario, e depois como auditor, para a Baviera, desempenhando sempre honrosamente e com louvor estes espinhosos logares. Em 1886 seguiu para a India com Monsenhor Agliardi, actualmente Cardeal, que algum tempo depois regressou á Europa, ficando Monsenhor Ajuti na qualidade de Delegado Apostolico, sendo então elevado á dignidade de Arcebispo de Acrida.

Durante a sua residencia n'aquellas longinquas paragens, prestou á religião assignalados e importantes serviços, como se vê d'um interessante livro que S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> publicou em inglez, com o titulo de *O meu diario*.

Regressando a Roma, desempenhou o cargo de secretario da Congregação da Propaganda Fide, na secção relativa aos negocios dos ritos Orientaes.

Antes da sua nomeação para Nuncio n'esta côrte era Nuncio Apostolico na Baviera, cargo para que tinha sido nomeado em 1893, e onde, pela sua comprovada illustração e extrema bondade, era estimado por todos sem distincção de classes.

Além do portuguez e italiano, sua lingua mãe, S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> falla tambem o francez, inglez, latim e allemão.

### As missões portuguezas em Moçambique

Acaba de ser publicada uma estatistica das missões portuguezas da provincia de Moçambique, na Africa, do anno de 1895. No primeiro trimestre d'aquelle anno, registaram-se 164 baptismos, 8 casamentos e 82 obitos; no segundo 271 baptismos, 14 casamentos e 114 obitos; no terceiro 179 baptisados, 6 casamentos e 92 obitos; e no ultimo trimestre 127 baptismos, 12

casamentos e 82 obitos. O catholicismo tem ultimamente florescido n'aquella provincia, graças ao infatigavel zelo dos nossos missionarios.

### A Santa Sé e a republica Argentina

E' esperado em Roma para cumprir uma missão especial que lhe confiou o seu governo, o snr. Calvo, ministro da republica Argentina em Berlim. Trata-se da conclusão d'uma concordata especial afim de melhor salvaguardar os interesses religiosos da população catholica d'esta republica.

### Excavações no amphitheatro romano

Ultimamente tem-se feito notaveis descobertas no amphitheatro romano de Lyon, onde soffreram glorioso martyrio varios servos de Deus, entre elles Mauricio, Blandina, Alexandre, o Bispo Pontino e seu diacono Ireneu. E' director das excavações o snr. Lapont, doutor em sciencias.

### Commemoração da primeira Cruzada

A Academia da Arcadia de Roma resolveu celebrar uma grande sessão litteraria em commemoração da primeira Cruzada. A esta recordação aggregar-se-á a da batalha naval de Lepanto, ganha pelas armas pontificias e hespanholas, sendo almirante com D. João da Austria o snr. Marco Antonio Colonna.

Esta sessão será presidida por um descendente do almirante pontificio que usa o seu nome.

### Pão de Santo Antonio

Parece que a devoção do Pão de Santo Antonio já não é recente, pois na igreja de Paris dedicada ao santo, ha alguns seculos se recolham esmolas para dar aos pobres em nome do thaumaturgo de Padua.

### O imperador da Allemanha em Jerusalem

Diz-se que o imperador Guilherme II da Allemanha, pensa em ir a Jerusalem na proxima Paschoa da Resurreição, onde assentará a primeira pedra d'um templo protestante n'um solar comprado por seu pae, o imperador Frederico. Os christãos do Oriente esperam impacientes esta viagem, pois julgam que ha de ser proveitosa para todos, sem distincção de igrejas, a entrevista entre Abd-ul-Hamid e o imperador.

### Os catholicos holandezes

Realisam-se brevemente na Hollanda as eleições geraes. Os catholicos acabam de formular o seu programama, no

qual pedem ao governo que se ocupe das seguintes importantes questões:

Descanço do domingo; observação moral e material da classe operaria; alojamentos dos operarios; limpeza e limite para as mulheres e creanças; limite das horas de trabalho para os homens; regulamento para o pagamento dos salarios; segurança contra os accidentes, doenças e velhice; revisão da lei sobre a assistencia publica.

Na segunda parte do seu programma os catholicos pedem que se estendam ao ensino superior os beneficios e as subvenções da lei de 1889 sobre a instrucção primaria, e que a Igreja e as instituições reconhecidas tenham o direito de fundar cadeiras na Universidade do Estado. Fallando das colonias, o programma pede que as missões sejam ajudadas e protegidas.

Emfim, pede o restabelecimento da legação hollandeza junto da Santa Sé.

#### Enterro civil em França

O snr. Cuissart, deputado da 1.<sup>a</sup> circumscripção de Laon, acaba de ser enterrado... civilmente.

Coisa curiosa: Na manhã da funebre cerimonia, nas povoações vizinhas, não se sabia que o corpo d'aquelle deputado seria lançado á terra como um irracional.

Porque este mysterio?

O snr. Cuissart, durante a sua campanha eleitoral, affirmou que não era franc-maçon, mas, perfilhando as suas ideias, não cêssou de votar com ellas todas as suas leis de odio contra Deus e contra a França.

#### Negociações entre a Santa Sé e a Russia

Dizem de Roma que as negociações entre a Santa Sé e a Russia estão em bom andamento, principalmente o que se refere ás nomeações de Bispos.

O bom resultado d'estas negociações deve-se aos sérios estudos que Mons. Tarnassi fez dos assumptos russos, para o que permaneceu algum tempo em S. Petersburgo, depois da coroação do czar. As informações de Mons. Tarnassi, sub-secretario dos negocios ecclesiasticos extraordinarios, foram discutidas

pelos Cardeaes, que estão d'accordo com ellas.

#### Um suicida de 10 annos:

Para que os leitores vejam até que ponto tem chegado a corrupção e depravação moral da mocidade franceza, educada pelo ensino atheu, será sufficiente dizer que, na cidade de Orleans, no dia 22 de novembro, um pequeno de 10 annos, por nome Adolpho Joyer, deu em si proprio na cabeça 2 tiros de revólver, que pertencia ao pae.

Qual a causa de resolução tão louca, estúpida e inacreditavel? Um castigo dado pelo professor por uma travessura qualquer das muitas que elle costumava fazer.

Um menino de 10 annos a suicidar-se!! Não parece uma aberração inacreditavel? Até que ponto levarão a sociedade com taes desvarios e desatinos impios!

#### «Caminhos de Ferro de Além-Campa»

E' uma folha volante, que traz acertadas indicações para os passageiros que transitem nas linhas do Paraizo e do Inferno em combinação com as da morte e do juizo.

Esta guia de caminho de ferro já foi publicada, ha annos, no *Novo Mensageiro*, mas agora apparece-nos com novas galas, estas duas principalmente:

#### DUAS VISITAS

##### PRIMEIRA

—Batem... abre sem demora.  
—Já abri. Meu Deus! ai que horror!  
—Quem é?—a morte, Senhor.  
—Ai... dize-lhe que estou fóra.  
—De entrar tem ordem expressa.  
—Despacha-a.—Em vão o intento!  
—Que espere então um momento.  
—Diz ella que está com pressa.  
—Que entre... Uns geitos cá dos meus Talvez a ganhem...—Ah! sim?!  
Vou chamal-a.—«Eis-me; aqui vim, E venho em nome de Deus.»  
—E podeis dizer, Senhora,  
A que vindes de repente?  
«Venho intimar-te sómente  
Que de partires é hora.»  
—Partir!... e em breves instantes!...

Estando tão mal disposto!...

«Foi desleixo do teu gosto

Não te prepares antes.»

—Mas perdão... «Obedecer!

Vem, que impaciente estou.»

—Mas... dizei-me: P'r'onde vou?

«Infeliz! Vail-o saber!...»

J. Alarcon, S. J.

#### SEGUNDA

Bate á porta uma Senhora

Que diz trazer boa sorte.

—Será nossa amiga a Morte?

Que entre, que entre sem demora.

«Bem sei, amigo, que tardo;

Perdôa tanto esperar.»

—Afeito a vos meditar

Ha muito que vos aguardo.

«Demoram-me outros.»—Pois quem?

«O que acho sem prevenção.»

—E são muitos? «Muitos são,

Pois mui poucos vivem bem.»

—E a mim que tal me encontraes?

«No modo que mais me apraz.»

—Ai, morte, que frio faz,

Desde que vós aqui estaes!

«E' que está a dar a hora

Lá no relógio divino

De ires ao final destino...»

—Pois vamos com Deus, e é agora?

«N'um instante vái já ser;

Estás disposto?»—Eu estou.

Mas dizei-me: P'r'onde vou?

Parabens! Vail-o saber.»

Versão de C. S.

Vende-se: no Porto, em casa dos snrs. Manuel M. C. Bastos, rua do Mousinho da Silveira, 340; em Braga, em casa do snr. Pereira Veiga, largo do Barão de S. Martinho 74, e largo de S. Francisco, 23; em Guimarães, em casa do snr. J. Sarmento.

Preços: 50 exemplares, 100 réis; 100 ex., 150 réis; 1.000, 1.200 réis. Pelo correio acresce o porte.

#### Erratas

No n.º 24, pag. 274, dueto 2.º, onde se lê: «Morde a mão que dá pão», deve ler-se: «Morde a mão que lhe dá pão». No 13.º deve ler-se «torna», e não «toma»: e no 15.º «Quem ultraja», em vez de «Quem ultrajar».

## O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 1.500 reis—Estados da India, China, e America, 1.280 réis, moeda portugueza—Numero avulso 100 réis.

#### As assignaturas são pagas adeantadamente

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua a Picaria, 74—PORTO.

Typ. Catholica de José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74 — Porto